

POR ENTRE ESPAÇOS E LUGARES DA ÁREA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO: A DIMENSÃO DA VIVÊNCIA NO MORRO DA CONCEIÇÃO

Through spaces and places of the port area of Rio de Janeiro: the dimension of experience in Morro da Conceição

Paulo Maurício Rangel Gonçalves¹

RESUMO

Sob os princípios da Geografia humanista, procuro investigar o poder da identidade e do pertencimento de moradores e frequentadores do Morro da Conceição. Esta localidade atravessa instigantes processos de revitalização urbana e turistificação, que transbordam seus impactos no mundo vivido dos indivíduos, nos elos dos mesmos para com seus lugares de significado, plenos de simbolismo. Neste contexto, o lugar deve ser visto como um contínuo dinâmico, pleno de nuances, fragrâncias, simbolismos e identidades. Afinado com princípios fenomenológicos, busco entender as relações dos indivíduos com seus lares, traduzindo assim a alma dos seus lugares, identidade e simbiose. Apoiado em depoimentos, que são veículos de identidades que podem traduzir culturas pulsantes, procuro elucidar a força das vivências e o poder do lugar face às transformações que ocorrem na localidade.

Palavras-chave: Lugar. Geografia Humanista. Morro da Conceição. Turistificação.

ABSTRACT

Under the principles of Humanist Geography, I attempt to investigate the power of identity and belonging of residents and frequenters of the Morro da Conceição. This location is passing through instigating processes of urban revitalization and touristification, overflowing its impact in the lived world of individuals, on their links with their places of meaning, full of symbolism. In this context, the place should be seen as a continuous dynamic, full of nuances, fragrances, symbolism and identity. Tuned with phenomenological principles, I seek to understand the relationship of individuals with their homes, thus translating the spirit of their places, identity and symbiosis. Supported by statements, that are vehicles of identities that can translate pulsating cultures, I seek to elucidate the strength of the experiences and the power of place in face of the changes that are occurring in the locality.

Keywords: Place. Humanist Geography. Morro da Conceição. Touristification.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor de Geografia da FAETEC e da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. paulomauciorangel@gmail.com.

✉ Rua João Vicente, 1775, Marechal Hermes, Rio de Janeiro, RJ. 21610-210.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sob a égide de intensas mudanças e movimentações que marcam a globalização contemporânea, os lugares e símbolos adquirem uma conotação ainda mais especial, tanto para os que acreditam na resistência ou no fenecimento dos mesmos quanto para os que creem em um novo pulsar de seus simbolismos e chamamentos. Neste mote, selecionamos um recorte espacial específico: a área portuária da Cidade do Rio de Janeiro. Há tempos sendo pensada para ser cenário de intensas alterações urbanas, tais metamorfoses hodiernamente marcam este solo da Cidade, na tentativa de infringir uma revitalização da área portuária da Cidade do Rio de Janeiro, bem como acontecera em outros exemplos bem-sucedidos mundo afora.

Neste perímetro, algumas localidades nos convidam a tecer considerações e mergulhar em seus meandros pelo seu poder de resistência. Ao caminharmos pelo centro do Rio, nos confrontamos com um lugar central, uma área *core* para os negócios, gestão e movimentos que emanam e são irradiados da e pela cidade, estendendo sua ação por sua hinterlândia e arredores. Todavia, a rapidez dos fluxos, ladeados pelas torres, sedes de grandes empresas, destoa bastante da contiguidade espacial da área. De um lado, observa-se a verticalização do núcleo central com edificações de diversos patamares e, nas circunvizinhanças, o domínio de uma área assobradada repleta de funções “pouco nobres”, tais como bares, mercearias, depósitos, hotéis de alta rotatividade, sebos, brechós, oficinas, borracharias, além de residências unifamiliares e plurifamiliares (CORRÊA, 1995). Nesse caso, façamos uma alusão direta a um ponto da área portuária da cidade, o Morro da Conceição, que pode ser entendido como uma porção espacial diferenciada do seu entorno. No que tange a localização e vias, embora sejam logradouros relativamente próximos, há um

contraste enorme entre a agitação da Avenida Rio Branco e a quase letargia da Ladeira do João Homem. Nos mapeamentos socioespaciais, a primeira pertence ao centro nervoso e a outra ao bairro da Saúde, ao qual o Morro da Conceição é pertencente, incluído na periferia da Área Central do Rio de Janeiro (RABHA, 1984).

O Morro da Conceição é um dos remanescentes dos quatro morros que delimitavam o sítio original da cidade (São Bento, Santo Antônio, Castelo e Morro da Conceição), permanecendo, até os dias atuais, preservado. Situado junto ao coração financeiro da cidade, o Morro da Conceição é reservado aos olhos mais distraídos, se escondendo entre os altos edifícios e antigos armazéns. Possuidor de míticas geografias que se desvelam desde imperiais e escravocratas tempos idos, o Morro passa hoje por transformações, oriundas de investimentos públicos e privados, que tendem a alterar o perfil e o layout do lugar.

De acordo com Denis Cosgrove, somos geógrafos a qualquer momento, estando a Geografia em toda parte (COSGROVE, 1998). Nesta exploração geográfica, a multiplicidade de lugares e a explosão de centralidades em um único espaço urbano se tornam focos de fascínio (MELLO, 2002), assim como as espacialidades de grupos sociais distintos, portadores de diferenciados lares/lugares. À procura de entender uma urbe que vivencia um processo de intensas metamorfoses e interações, a Geografia tem explorado extraordinárias mutações. Em meio a este cenário de significativos fluxos, evidenciaremos o lar (ou lugar) como uma pausa, em um mundo de fugacidades e acolhida. Para o geógrafo Yi-Fu Tuan, retomando uma máxima dos anos 40, “a Geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1991, p. 189). Em elucidação ao que seria um lar, o autor (1983, p. 3) sublinha: “o lar é a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” sendo estes fontes de permanência, segurança e trânsito que podem ser entendidos como pausas nestas movimentações. Em sintonia com

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

Tuan no que tange aos lares/lugares e sua conectividade com os indivíduos, “em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar alguém – com todo o significado afetivo da palavra” (TUAN, 1980, p. 130). Ao termos como guia as ideias de Tuan, no decorrer deste artigo, abordaremos o referido recorte da área portuária através das vozes de alguns dos seus indivíduos com seus lugares em transformação, traduzindo mundos de significados, dramas, teias sociais, conflitos e felicidades, que podem produzir, por extensão, lares em mutação.

No tocante aos objetivos deste artigo, em concórdia com o filósofo Jean-Marc Besse, acreditamos que “o geógrafo habita o mundo ao mesmo tempo que procura compreender-lhe as estruturas e os movimentos” (BESSE, 2006, p. 82). Tendo como norte este preceito, o presente trabalho tem como propósito explorar a atual dinâmica do Morro da Conceição. Sabendo que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” (LYNCH, 2010, p. 1), busca-se, a partir das lembranças e significados, a compreensão dos seus lugares. Ao ter como referência as palavras de Claval, concomitantemente, o texto busca “estudar as relações complexas que se desenvolvem entre os homens e os ambientes onde eles vivem” (CLAVAL, 2004, p. 21). Sob este prisma, o aproveitamento de fragmentos que lancem luzes sobre as complexidades do relacionamento do homem com a Terra, que é palco de diferentes mundos, é obrigatório. Em concordância com Werther Holzer, que se ampara nas ideias de Tuan (1965), “o mundo é um campo de relações estruturado a partir da polaridade entre o eu e o outro, ele é o reino onde a história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos, e deste ponto de vista deve ser apropriado pela Geografia” (HOLZER, 1999, p. 69). Em vista disso, a maneira com que os indivíduos do Morro da Conceição estão vivenciando os seus lugares hodiernamente, um período em que este recorte espacial está em

grande evidência midiática e em incitante processo de turistificação, se revela como um foco de grande interesse, pelo fato do lugar poder representar o mundo do(s) indivíduo(s). Neste contexto, o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello contribui ao afirmar que “os lugares de modismo e as centralidades, em seus mais diversos patamares, podem desabrochar, sofrer uma espécie de torpor ou até mesmo fenecer, ao sabor das oscilações periódicas e de outras injunções” (MELLO, 2011, p. 11). Desta maneira, nos cumpre investigar os pertencimentos e os elos imbricados entre a população e suas arenas de vida.

Este artigo está organizado em três partes, sem contarmos com as considerações iniciais e conclusão. A primeira, intitulada “O Morro e uma breve revisão conceitual sobre lugar”, destina-se a uma reflexão sobre diferentes abordagens conceituais de lugar, trazidas à exposição por conta de sua importância para a fundamentação deste conceito-chave que delineará as inquietações propostas neste artigo. Na segunda parte – “O descortinar dos lugares no Morro da Conceição” – mostraremos algumas localidades do Morro da Conceição iluminadas pela ótica e traduzidas pelas vozes de moradores e frequentadores do próprio Morro. Buscamos, desta maneira, explorar o mundo vivido e os lugares eleitos pelos próprios *insiders*, que traduzem singulares geografias existenciais. O título da terceira parte – “O pulsar turístico no Morro da Conceição” – sintetiza o que nele se propõe. Em linhas gerais, efetivamos uma leitura da atividade turística que se desenrola no Morro da Conceição, apoiando-nos tanto na voz dos moradores e frequentadores como por fontes midiáticas, assim como, por fim, em nossa própria vivência no perímetro.

O MORRO E UMA BREVE REVISÃO CONCEITUAL SOBRE LUGAR

Desde o final do século passado, na esteira de um processo de turistificação que atinge espaços e lugares do Centro do Rio, o Morro

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

da Conceição, tal qual um belo cartão postal, teve sua visita ampliada. O casario de fachadas históricas, inspirados na arquitetura lusitana, ainda conservado em diversos de seus pontos, é descoberto e batizado pela mídia cult da Cidade Maravilhosa. Ateliês e bares são abertos, convidando cada vez mais *outsiders* a vivenciarem o espaço do Morro. Conforme fora visto em estudos anteriores (GONÇALVES, 2013), em um dos sopés do Morro da Conceição, na mítica Pedra do Sal, é verificada uma super-utilização da escadaria local, situação esta que suscita opiniões conflitantes dos *insiders*, ou seja, dos próprios moradores da área. Segundo Cosgrove, “o local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito” (COSGROVE, 1998, p. 93). Em coadunação com esta ideia, até quando esta popularização do Morro da Conceição não se transformaria em um transtorno para a população que nele habita e tem seu espaço de vivência enquanto um lugar? Nestes termos, o que viria a ser um lugar? Aprioristicamente à “rolança” dos acontecimentos e fatos que se desenrolam nos lugares do Morro que podem convidar moradores e mesmo frequentadores a mergulhar em suas raízes e problematizar as suas consequências, manifestemos um pouco mais sobre o conceito de lugar, pois tal qual nos ensina o geógrafo francês Paul Claval, “estudar Geografia é partir da posição do lugar e pensar as circulações que o afetam” (CLAVAL, 2010, p. 40).

No que tange à questão espacial, o conceito lugar, de suma importância para o estudo geográfico, norteará as investigações e inquietações aqui propostas. Em diálogo com este viés de análise, Lukermann afirma que o estudo do lugar é a matéria-prima da Geografia (LUKERMANN, 1964; citado por HOLZER, 1999, p. 69). Destarte, nos cumpre efetivar uma distinção entre dois conceitos-chave pilares da Geografia contemporânea: o espaço e o lugar. Diferentemente do espaço, aberto, livre, amplo, vulnerável, desconhecido causador de

ansiedades; o lugar é fechado, íntimo, aconchegante, organizado, pleno de ternura e empatia (MELLO, 1997). O lugar seria assim um “mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198), frente à amplitude do continuum espaço. Ainda segundo Tuan, “as ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar, estamos cientes da amplitude da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa” (TUAN, 1983, p. 6). Desta maneira, para o geógrafo humanista,

o espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade (TUAN, 1983, p. 61)

Contribuindo para esta diferenciação, o geógrafo canadense Edward Relph afirma:

o espaço é amorfo e intangível e não uma entidade que possa ser diretamente descrita e analisada. Ainda, de qualquer maneira que sintamos, conheçamos ou expliquemos o espaço, há sempre próximo um senso ou conceito de lugar associado (RELPH, 1976, p. 8)².

Em complementaridade a estas ideias, acrescenta Aurora Garcia Ballesteros:

[...] centro de significados, condição da própria experiência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto para nossas ações e fonte da nossa identidade, o conceito de lugar se opõe ao geométrico espaço abstrato do neopositivismo e, diferenciando-se deste, está cheio de significados e valores, que

² Tradução do original: “Space is amorphous and intangible and not an entity that can be directly described and analyzed. Yet, however we feel or know or explain space, there is nearly always some associated sense or concept of place”.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

são inseparáveis da experiência dos que nele habitam, de seus pensamentos e sentimentos (BALLESTEROS, 1992, p. 11)³

Nesta ciranda de explicações e significações acerca do conceito de lugar, sob o prisma da sociologia, Stuart Hall contribui ao afirmar que “o lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (HALL, 2006, p. 72), pois como nos ensina o geógrafo Mello (1990, p. 102), “o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas”. É, portanto, uma porção do espaço talhada por nossa bem-querência e afetividade com a qual nos identificamos. Ou seja, quando o espaço ganha significado e qualidade se transforma em lugar. Se for um perímetro não portador de significados positivos trata-se apenas de espaço, a ser desbravado, conquistado, capturado (TUAN, 1983; 1998; TORRES RIBEIRO, 1995; MELLO, 2000). Entretanto, sob a perspectiva humanista, não podemos confundir a antítese do lugar, o espaço, com o conceito sociológico de não-lugar, cunhado por Marc Augé. Para o sociólogo,

os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trechos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do Planeta (AUGÉ, 1994, p. 36-37).

³ Tradução do original: “Centro de significados, condición de la própria experiência, foco de vinculación emocional para los seres humanos, contexto para nuestras acciones y fuente de nuestra identidad, el concepto de lugar se opone al geometrizado espacio abstracto del neopositivismo y, a diferencia de este, está lleno de significados y valores, que son inseparables de la experiencia de quienes lo habitan, de sus pensamientos y sentimientos”.

Em meio aos domínios conceituais da Geografia humanista, até mesmo certas localidades, como vias expressas, trechos rodoviários e aeroportos, podem ser lugares para alguém. Embora possam parecer “lugares-sem-lugaridade” (RELPH, 1976)⁴ para outrem, integram o mosaico de porções terrestres especiais para alguns indivíduos e/ou grupos sociais, conforme nos lembra o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello:

os pertences, parentes, amigos e a base territorial experienciada fazem parte do acervo íntimo do indivíduo. Pausa, movimento e morada conferem ao mundo vivido a distinção de lugar. As experiências locais de habitação, trabalho divertimento, estudo e dos fluxos transformam espaços em lugares (MELLO, 1990, p. 102).

Nestes termos, recorremos a Kevin Lynch quando afirma, para um outro sentido, “se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível” (LYNCH, 2010, p. 101-102). Portanto, por meio de contribuições de estudiosos de variadas áreas do conhecimento, podemos compreender a potencialidade do conceito de lugar. Segundo a geógrafa Lívia de Oliveira, tradutora de obras de Yi-Fu Tuan para a língua portuguesa (Espaço e Lugar, 1983; Paisagem do Medo, 2006; Topofilia, 2013) em relação a esta inconfundibilidade do lugar, “conhecemos o nosso lugar; cada um tem o seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós” (OLIVEIRA, 2012, p. 11). No mesmo livro “Qual o Espaço do Lugar?” nos utilizamos da ponderação de Edward Relph:

⁴ Para Edward Relph, o lugar-sem-lugaridade é uma paisagem repetida, estandardizada. Este termo foi obtido mediante a tradução do neologismo *placelessness* (Relph, 1976) cunhado pelo próprio autor.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição

Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; não é apenas distinção e apreciação de fragmentos de geografia. O núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco (RELPH, 2012, p. 31).

Neste trecho em exposição, Relph (2012) externa e amplia o conceito de lugar, onde este é não apenas inextricavelmente ligado à experiência local do dia-a-dia, mas também conectado ao mundo, pois “lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como esta experiência se abre para o mundo” (RELPH, 2012, p. 29). Esta concepção é também adotada por Eduardo Marandola Jr. (2012), que acredita que “o lugar faz parte do nosso cotidiano e a partir dele que nos inserimos no mundo. É pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo” (MARANDOLA JR., 2012, p. 228). Na interpretação de Aurora Garcia Ballesteros, referindo-se às elucubrações de Daniels, “em inglês o termo *place* tem conotações de estabilidade e pertencimento derivadas de um sentido estrito e excessivamente incluso de ordem e de controle social, porque a noção de lugar seria predominantemente conservadora e oposta a toda mudança⁵” (BALLESTEROS, 1992, p. 13). Indo de encontro a estas ideias, Edward Relph sublinha: “é importante compreender que é por meio de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e que essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora” (RELPH, 2012, p. 27). Em síntese, visando um não esgotamento de

5 Tradução do original: “*en inglés el termino place tiene connotaciones de estabilidad y pertencia derivadas de um sentido estrito e incluso excessivo del orden y del control social, por lo que la nocion de lugar sería predominantemente conservadora e opuesta a todo cambio*”.

interpretações e acepções do conceito supracitado, Marandola Jr. (2012) edifica um enlaçamento entre as traduções de lugar:

referindo-se a própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante de nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais. Longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva (MARANDOLA JR., 2012, p. 230).

Concernente a uma leitura sobre as linhas gerais em que foram fundamentadas as distintas apreciações sobre o conceito de lugar, façamos um apanhado de pareceres conceituais, suas modificações e transgressões. Durante as décadas de setenta e oitenta do século vinte, o surgimento do interesse no lugar estava atrelado ao empenho na preservação do patrimônio, em decorrência de drásticas transformações urbanísticas que estavam acontecendo em cidades dos Estados Unidos e Europa, assim como em outros pontos do Globo Terrestre (COSGROVE, 1998; RELPH, 2012). Posto isso, a Geografia humanista, preocupada com a proliferação de lugares-sem-lugaridade e seus efeitos nocivos na relação identitária dos indivíduos com seus espaços vividos, abre um novo leque de possibilidades no âmbito do saber geográfico. A partir da década de noventa, sob a emergência de um período de assombrosa velocidade de fluxos e marcado pela preocupação de teóricos da pós-modernidade, o conceito de lugar é amplamente revisitado. Segundo nos aponta João Baptista Ferreira de Mello (2000) em sua tese de doutoramento,

os esforços de construção do conceito lugar, convém reconhecer, não se restringem aos filósofos ou adeptos da corrente humanista, notadamente nos últimos tempos, quando beneficiando-se e em confronto ou paralelo ao ritmo das inovações e da instantaneidade dos fluxos em um mundo globalizado assomam

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição

Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

geografias vívidas e pulsantes em um Planeta fragmentado, cujos estilhaços encontram-se pulverizados nos mais diversos longínquos recantos (MELLO, 2000, p. 119).

Sob esta lógica, os indivíduos e os lugares estão “plugados na rede”, lembrando que a *web* apresenta à humanidade “um ritmo alucinante, uma maneira de se comunicar e ver o outro lado do mundo aqui e agora” (MELLO, 2010, p. 176). Trata-se da dromologia, a lógica da corrida, como escreveu o filósofo Paul Virilio (1984). Para o urbanista catalão Manuel Castells (2003), em sua obra *A Galáxia da Internet*, este recurso extraordinário é acima de tudo, “uma criação cultural” estando em toda parte, fazendo, assim, com que lugares se entrecruzem.

Nesta seara, em contraste com o global, como fonte e expressão de diferença, o lugar passou a atrair cada vez mais a atenção de outras disciplinas acadêmicas. Embora a proeminência deste conceito tão caro à Geografia humanista seja objeto de comemorações por parte de seus principais formuladores, efetivavam-se problemas e críticas decorrentes. Entre estes, estavam a criação e manipulação de lugares por conta de empresas, que exploravam a identidade dos lugares na busca incessante de lucros no mercado exibindo, em muitas oportunidades, modos, hábitos e espelhos de lugares além-mar, como no caso da “hiltonização” e “sheratonização” (SANGUIN, 1981, p. 571-572)⁶ das paisagens, invenção de resorts e ilhas paradisíacas. Nestas circunstâncias, pulularam críticas de economistas e geógrafos da ala marxista às ideias humanistas de lugar. Os marxistas contrapunham aos “locais de nostalgia, limitados, autênticos e de algum modo entendidos como eternos. [...] tais locais são excludentes, além de [...]”

⁶ Expressões criadas pelo geógrafo francês Andre-Louis Sanguin, em alusão à mimetização de paisagens mediante padrões pré-estabelecidos por empresas. Com o reconhecimento de Sanguin (1981, p. 571), esta visualização foi inicialmente concebida por Edward Relph em 1976, na obra “Place and Placelessness”.

manifestações provincianas de tudo o que é radical” (RELPH, 2012, p. 21). Em conectividade a estas críticas, que viam o lugar como fonte de sentimentalismo e estabilidade aprofundados por raízes de indivíduos e grupos, os marxistas formularam uma concepção diferenciada de lugar, que considerava os lugares

como nós particulares das interações das redes social, econômica e política global, na qual os lugares são manifestações locais de macroprocessos econômicos ao invés de surgirem de um contexto histórico específico. Estes nós estão associados a um progressivo sentido global de lugar, que pode servir como base de resistência contra as injustiças sociais, exclusão e desigualdade que resultam da globalização neoliberal (RELPH, 2012, p. 21).

Para Relph, embora as teses humanista e marxista possam parecer contraditórias e contestadas, na verdade convergem, visto que insistem na força do lugar, face a massificação do globalismo, com sua persistência em erodir o local (RELPH, 2012). Consubstanciando esta ideia, “estudar e promover o lugar seja de uma perspectiva humanista, radical, seja de uma perspectiva arquitetônica ou psicológica, é uma prática de resistência” (RELPH, 2012, p. 21). Sob um ponto de vista inovador, que congrega estas duas acepções de lugar distintas, citamos o epistemólogo da Geografia Ruy Moreira:

[...] lugar como relação nodal e lugar como relação de pertencimento podem ser vistos por dois ângulos diferentes de olhar sobre o mesmo espaço do homem no tempo do mundo globalizado. Tanto o sentido nodal como o da vivência estão aí presentes, mas distintos justamente pela diferença do sentido. Sentido de vez que, seja como for, o lugar é hoje uma realidade determinada em sua forma e conteúdo pela rede global da nodosidade, e ao mesmo tempo pela necessidade do homem de (re)fazer o sentido do espaço, ressignificando-o como relação de ambiência e de pertencimento. Dito de outro modo, é o lugar

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição

Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

que dá o tom de diferenciação do espaço do homem – não o capital – em nosso tempo (MOREIRA, 2012, p. 174-175).

Dando a entender que os conceitos de lugar de Tuan, da matriz humanista, e de Santos, da matriz crítica, não são distintos e excludentes, podendo ser combinados e transcritos face ao período em que vivenciamos.

Contudo, a despeito das proposições da tese crítica e da pactual síntese elaborada pelo célebre geógrafo Ruy Moreira, muito importantes e fundantes para o pensamento geográfico contemporâneo, prosseguiremos com o emprego do conceito de lugar erigido pela matriz humanista, a nosso ver norteador de um viés plural e subjetivo da “realidade” vivenciada (o universo vivido) pelos mais comuns e diversos indivíduos e grupos sociais. Em relação a esses sujeitos, que habitam lugares preñes de significados, mergulhemos em exposições orais acerca de suas arenas de vida e de pertencimento. Neste plano, vejamos sucintamente o complexo jogo de analogias, valores, representações e identidades correntes em algumas localidades do Morro da Conceição, eleitas pelo pesquisador mediante o resultado de suas entrevistas e vivências, de maneira a trazermos para nossa análise o rico fluxo de cotidianidades e espontaneidades existentes no recorte espacial enfocado. Explicitamos que, de maneira alguma, tal exposição possui a pretensão de esgotar as possibilidades de outras análises abordarem a mesma temática em artigos ou agendas de trabalhos futuros.

O DESCORTINAR DOS LUGARES NO MORRO DA CONCEIÇÃO

A partir das premissas humanistas, denotando a necessidade da não banalização do conceito de lugar, visto ser um imprescindível conceito em Geografia, principalmente na vertente humanista, neste momento buscamos decodificar os lugares do Morro da Conceição a partir das

peças que os integram/elegem. No tocante a desfraldar um dos espaços e lugares mais característicos do Rio de Janeiro, de secular tradição e na ordem do dia para turistas e legiões de cariocas neste milênio, cumpre-nos vivenciar alguns pontos do Morro da Conceição ocupado nos primeiros de colonização sob as bênçãos da Senhora da Conceição; onde lugares se fundem com experiências pessoais e interpessoais. Os caminhos de investigação para esta interação com os indivíduos do Morro da Conceição foram inspirados por uma trilha já percorrida pelo geógrafo catalão Nogué y Font. O renomado geógrafo espanhol, em sua tese de doutoramento, defendida em 1985, buscou explorar e descobrir os fenômenos do mundo vivido nas paisagens existenciais de cinco diferentes grupos de indivíduos em La Garrotxa, comarca situada a nordeste da Catalunha, na Espanha. Assim como ele, optamos por trabalhos de campo experienciais, objetivando o estabelecimento de entrevistas pessoais. Acerca da metodologia dos trabalhos de campo experienciais, contribui Ballesteros:

se trata de buscar o conhecimento interpessoal através da imersão em lugares vividos cotidianamente por aquelas pessoas que queremos estudar. Um trabalho deste tipo supõe um lento processo de aproximação com o grupo estudado e o recurso a técnicas utilizadas em outras ciências sociais: a observação participante, entrevistas em profundidade, histórias de vida, dinâmica de grupos, etc., buscando sempre a compreensão empática dos entrevistados e interferindo o menos possível em seus relatos” (BALLESTEROS, 1992, p. 14)⁷.

⁷ Tradução do original: “Se trata de buscar el conocimiento interpersonal a través de la inmersión en los lugares vividos cotidianamente por aquellas personas que queremos estudiar. Un trabajo de este tipo supone un lento proceso de aproximación al grupo estudiado y el recurso a técnicas utilizadas en otras ciencias sociales: observación participante, entrevistas en profundidad, historias de vida, dinámica de grupos, etc, buscando siempre la comprensión empática de los entrevistados e interfiriendo lo menos posible en sus relatos”.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

Por intermédio do contato direto com as populações locais, ou *insiders*, é construído um arcabouço de informações genuínas sobre as vivências dos indivíduos em seus lugares. Segundo os preceitos da geógrafa Anne Buttimer, “devemos consistentemente retornar à experiência direta. Os dados primários para a percepção são tomados de contatos diretos entre corpo e mundo” (BUTTIMER, 1982, p. 175). Desta maneira, por intermédio destes contatos, buscamos a compreensão das macroestruturas a partir das pessoas comuns. Entrementes, não buscamos oferecer uma mostra quantitativa representativa da realidade, mas sim uma mostra qualitativa. Ou seja, a busca pela exponencialidade e singularidade de discursos e depoimentos não zelará pela sua quantidade e tamanho de depoimentos, mas sim pela significância e tradução de realidades e experiências.

Tendo como diretrizes as palavras de Denis Cosgrove, “os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica” (COSGROVE, 1998, p. 108), se tornam instigantes a visualização da vivacidade e da criatividade dos sujeitos nos espaços e lugares, e o entendimento de como “os ambientes humanos se tornam extensões do nosso próprio corpo” (BERQUE, 1999 *apud* CLAVAL, 2004, p. 51). Neste nicho, um significativo depoimento ilustra esta conectividade: “o pessoal daqui não costuma chamar esta praça pelo nome dela mesmo, não. Chamamos é de praça da santinha. É mais fácil, não é? Não tem a Nossa Senhora lá mesmo?”, considerou um senhor residente em uma das casas da famosa Praça Major Valô, da elevação em curso, no dia 20 de dezembro de 2012. A praça, situada à frente da Fortaleza da Conceição, recebeu esta toponímia em 1929, em homenagem a um

austríaco que modernizou o serviço geográfico militar (GERSON, 2000, p. 144-145). No entanto, conforme fora visto, para a população local este logradouro é vernacularmente conhecido como “praça da santinha”, em reverência à imagem de Nossa Senhora da Conceição, demonstrando empatia, zelo e devoção com este perímetro coletivo, que se desvela como um lugar para os visitantes e, sobretudo, para os que estabelecem vínculos afetivos com seus domínios. Hoje, a praça serve de palco não para a entrada de armamentos na Fortaleza, como fora projetada originalmente, séculos atrás, mas para reuniões populares da Banda da Conceição e do bloco Escravos da Mauá, que, em mágicas coreografias, integrantes da dança-do-lugar⁸, congregam a população do Morro e do “asfalto” em efusivas e sonoras reuniões (Figuras 1 e 2). A polivocalidade das formas do lugar evidenciam a pluralidade de significados e de interpretações distintas que enriquecem o cenário em tela, percorrido no dia-a-dia pelas pessoas da Conceição e mesmo por turistas ocasionais (CORRÊA, 2007).



Figura 1



Figura 2

As fotos representam momentos distintos da Praça Major Valô, sob a visão da santa no pedestal, sendo à noite iluminada em seu esplendor. Na primeira foto sobressai o trabalho e na segunda o lazer, quando a Praça da Santinha, como dito na boca do povo, é tomada por centenas de pessoas para assistir ao show dos Escravos da Mauá.

Fonte: Arquivo pessoal, 2012

⁸ Este é um conceito criado originalmente por David Seamom (1980), na obra “Body-subject, time-space routines and place-ballets”, pertinente a uma característica peculiar que cada lugar vivido pode vir a apresentar, mediante uma fusão de muitas rotinas espaço-temporais e de balés do corpo em termos de espaço.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

O sentimento familiar apregoado ao lugar e sua relação com a estátua de Nossa Senhora da Conceição confluem para os apontamentos de Mello (2012, p. 64), ao sinalizar que “o lugar transcende a materialidade, mas não está desassociado desta, pois aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos”, ou seja, no contexto da experiência das pessoas, a imagem se funde à praça, como algo único e indissociável.

No tocante às celebrações que se desvelam nesta porção espacial, sagrada para muitos, contribui um morador entrevistado, com as seguintes palavras: “no dia da festa de Nossa Senhora, todo mundo vem pro Morro, até quem já saiu. É o dia mais importante do Morro. Pode ver como tá lotado de gente nesta praça, que tá toda enfeitada com flores”⁹. Neste depoimento, o morador externa sua opinião acerca da festa de Nossa Senhora da Conceição, “o dia mais importante do Morro”. A praça ostenta um simbolismo tão vultuoso que nela se concentra o ponto alto da festa de Nossa Senhora da Conceição, com procissão, orações e distribuição de flores, que congregam não apenas os moradores do Morro da Conceição, mas também pessoas que vem de fora, em todo dia 8 de dezembro de cada ano (Figuras 3 e 4). Neste plano, se configuram, a cada ano, “itinerários simbólicos” (CORRÊA, 2012), em que nesta data em específico, uma procissão toma de gente os principais logradouros do Morro da Conceição.

O ponto de partida e de chegada deste itinerário simbólico de fé e esperanças é uma “igrejinha muito importante, que batizou todo mundo aqui do Morro”¹⁰, a Igreja de Nossa

Senhora da Conceição (Figuras 5, 6 e 7), popularmente chamada de Igreja da Conceição pelos moradores. Finalizada pelos portugueses, moradores do Morro, em face de sua devoção, em 10 de julho de 1892, na rua Jogo da Bola, o santuário é até os dias atuais bastante visitado e decorado. Situada em um logradouro central do Morro, em uma área densamente residencial, a igreja funciona como um enclave religioso, que congrega moradores e frequentadores do Morro em reuniões religiosas e festivas. A igreja é, marcadamente, um lugar que transcende gerações no Morro da Conceição.



Figura 3



Figura 4

A estátua de Nossa Senhora é coberta por flores em celebração ao seu dia, no qual centenas de pessoas saem de suas casas e sobem o Morro da Conceição para a celebração

Fonte: Arquivo pessoal, 2012 e 2012.

Por intermédio das conversas e relatos, entendemos que o Morro da Conceição atravessa um período de grande efervescência. Acerca desta maior exposição e visitação do Morro, em uma declaração em tom irritadiço, afirmou um senhor de meia idade, “as pessoas parecem que nunca viram isto aqui. Eu fico aqui dentro do meu estabelecimento e as pessoas tirando fotos e mais fotos, parece que eu sou um animal em um zoológico”, dissera o mesmo em um estabelecimento do Morro da Conceição¹¹. Este depoimento ilustra impertinências que os flashes fotográficos

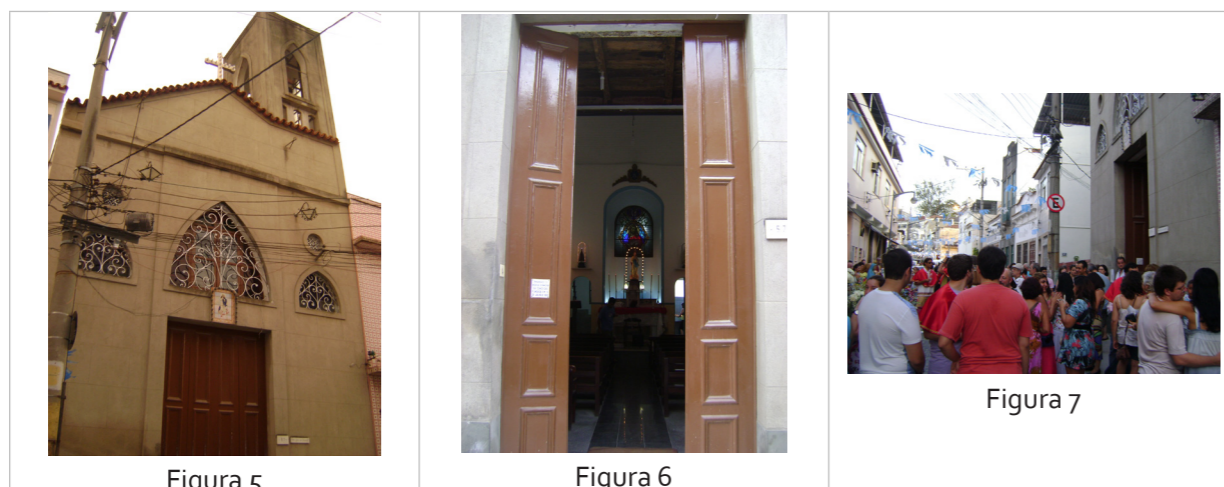
⁹ Entrevista realizada no dia 8 de dezembro de 2012.

¹⁰ Parte do depoimento de uma velha moradora sobre a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, obtido no dia 24 de julho de 2012.

¹¹ Depoimento obtido no dia 16 de julho de 2011.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição

Paulo Mauricio Rangel Gonçalves



As fotos mostram a Igreja de Nossa Senhora da Conceição em um dia comum, de semana, em que a mesma permanece fechada, e a Igreja apinhada de pessoas, no dia da procissão de Nossa Senhora
Fonte: Arquivo pessoal, 2012, 2013 e 2013.

podem vir a causar na elevação em destaque. Neste caso, associamos (em sincronia com os moradores) aos agentes midiáticos uma posição de *outsiders* que, no afã de captarem as tão belas paisagens e situações humanas, retiram a privacidade dos indivíduos do Morro (Figura 8). As matérias jornalísticas, no Morro estão mais voltadas para a captação das singulares paisagens, compostas



Figura 8 – A placa reflete uma grande preocupação dos moradores: a perda de sua privacidade.

Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

por casarios com fachadas de séculos passados, ruas estreitas e nomes fantasiosos de logradouros, conferindo visibilidade e glamour ao perímetro. Entretanto, esta maior exposição pode retrair a população residente destas casas. Ressaltamos que os moradores fazem parte do lugar, abarrotado de elementos simbólicos, que superexpostos, para os *outsiders* cria uma sensação de “mesmo que não os conheçamos, nós os reconhecemos” (AUGÉ, 1994, p. 35), intensificando a visita e indo de encontro ao discreto e pacífico cotidiano de maior parte das pessoas do Morro da Conceição.

Nesta seara, baseando-nos em trabalhos de campo e nos depoimentos obtidos ao longo desta pesquisa, caminhamos rumo a uma abordagem sobre a explosão do turismo, um fenômeno recente no acidente geográfico em tela.

O PULSAR TURÍSTICO NO MORRO DA CONCEIÇÃO

Temos o conhecimento de que “o Morro da Conceição está na moda”, conforme nos apontou um entrevistado em meados do último mês de 2012 e com o que informara uma fonte midiática impressa no ano de 2013¹². Nesta trilha, durante um trabalho de campo experiencial que se desenrolava no Morro da Conceição em janeiro de 2013, por intermédio de um telefonema, um inusitado convite de um querido ente familiar é proferido: “estou com a minha namorada e gostaria de ir a algum lugar legal. Estou pensando em ir ao Morro da Conceição ou à Santa

¹² O Globo, Caderno Rio, de 3 de março de 2013.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

*Tereza. Vamos?*¹³. Como retorno, para a estupefação do casal, afirmei já estar no Morro e os convidei passar a tarde de sábado em minha companhia, proposta esta imediatamente aceita. Tal fato ilustra os novos apelos deste endereço não apenas para meu familiar, mas para outros *outsiders*, indivíduos que, mesmo sendo de fora, descobrem valores e riquezas no Morro da Conceição. Esta situação é exposta na manchete e a matéria de um importante jornal impresso, sob o título: “redescobrimo do mapa dos tesouros”¹⁴. A expressão “mapa dos tesouros” faz menção às atrações culturais e gastronômicas da Área Portuária, dentre as quais o Morro da Conceição recebe um enfoque especial. A matéria jornalística tem como pano de fundo a festiva inauguração do Museu de Arte do Rio, também conhecido como MAR, tido por especialistas como um marco para o restauro da Área Portuária carioca (Figura 9).

Indo ao encontro deste retumbante debutar, outra fonte impressa endossa os discursos dos indivíduos e da mídia: “com a inauguração do MAR, os cariocas começam a frequentar novamente a Praça Mauá ou até mesmo o Morro da Conceição, antes dois lugares pouco conhecidos pelos mais jovens”.¹⁵ Conforme apontaram alguns moradores do Morro em sua primeira visita ao Museu¹⁶, a construção deste artefato de grande magnitude foi marcante: “o museu do MAR foi muito importante para a comunidade, pois agora temos uma opção de lazer muito interessante e de graça” (visto que os residentes do Morro da Conceição não pagam ingresso para entrar no museu). Nesta situação, a contiguidade espacial entre o Morro e o MAR deve ser sublinhada, visto que o mesmo se localiza em uma das franjas do Morro da Conceição, junto à Praça Mauá, de fácil e rápido acesso para

13 Conversa realizada em 12 de janeiro de 2013.

14 O Globo, Caderno Rio Show, de 1 de março de 2013.

15 O Globo, Caderno Rio Imóveis 2013 – Projetos de marketing, de 24 de março de 2013.

16 Entrevista realizada em 25 de maio de 2013.



Figura 9 – A ilustração exibe um desenho do MAR, com traçados diferenciados, oriundos da união do Palácio D. João VI com um edifício de estilo modernista

Fonte: <<http://www.museumar.com>>

os moradores do Morro (Figura 10). Percorrendo esta trilha, qual seria o fator propulsor deste processo de (re)descobrimo que se desvela na Área Portuária e no Morro da Conceição, áreas outrora “abandonadas” pela Prefeitura e que hoje experimentam uma outra movimentação?

Nesta pós-modernidade líquida (BAUMAN, 1998), marcada pela velocidade das interações e por experiências interpessoais e espaciais cada vez mais fugidias (SENNETT, 2005), algumas áreas internas das cidades, que são lugares para um ou outro indivíduo ou, ainda, este ou aquele grupo social, estão sendo toporreabilitadas para o *retrofit* de prédios ou torres, assim como refuncionalização e embelezamento de zonas e domínios em escalas diversas. Neste nexu, seguindo a atual tendência de valorização da cultura local e do sentido de pertencimento, algumas Prefeituras estão voltadas para antigas áreas degradadas de grandes cidades, principalmente porções portuárias, para uma

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves



Figura 10 – Nesta foto, temos uma panorâmica do Morro da Conceição do último andar do MAR, em uma perspectiva integradora, em que o Morro e o MAR se entreolham continuamente

Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

reabilitação e para serem revividas como lócus de lazer (RODRIGUES, 2001). Neste quadro, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro¹⁷ se faz presente. Por intermédio do Projeto Porto Maravilha, alavancando empreendimentos com vistas ao aparelhamento da cidade para o megaevento Olímpico de 2016, a Prefeitura e o consórcio Porto Novo desenvolveram investimentos visando a recuperação das históricas ladeiras do Morro da Conceição e dos logradouros do entorno. Nestas condições extensionistas, melhorias se sucederam no calçamento e iluminação das vias, com a pretensão de aprimorar a qualidade de vida dos habitantes do Morro da Conceição, atraindo, com isto, cada

¹⁷ Ver: <www.portomaravilhario.com.br/projetos/morro-da-conceicao>. Acesso em 10 Ago. 2010. Ver: <www.portomaravilha.com.br/conteudo/revistas/Boletim20%do20%porto%201%20web.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2011.

vez mais visitantes para o recorte em foco. Em tal período, no qual os lugares do Morro e arredores são muito frequentados por cariocas e turistas, o mesmo tem sido muito procurado por empresas e grupos para fornecer “lazeres urbanos” (RODRIGUES, 2001, p. 89) alternativos para *insiders* e *outsiders* do Rio de São Sebastião.

Na esteira deste processo de turistificação do Morro da Conceição, incrementado pelas melhorias infraestruturais que estão ocorrendo, o Projeto Mauá revela seu pioneirismo e bem-querência, como lembra um universitário residente na “Conceição”: “o projeto foi desenvolvido por poucos artistas em 2002, se não me engano. Eles utilizavam as casas como ateliês para a exposição de obras de arte e de artesãos daqui da cidade e de fora. Isso foi bom, pois trouxe maior movimentação pro Morro”¹⁸. Com o passar dos anos, parcerias foram incorporadas a esta empreitada, como a Fundação Sesi e a própria Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Na divulgação de suas obras, ocorre também uma propagação dos espaços e lugares do Morro, acarretando, inclusive, a criação de bares-restaurantes de certo requinte, face à presença de turistas na área. Utilizando como base o depoimento do jovem, a maior movimentação não é um problema, diferentemente o que disse o senhor de meia idade de parágrafos anteriores, a quem os flashes e maior movimentação incomodavam. Isto evidencia as contraditórias opiniões acerca do turismo no Morro, que podem trazer tanto a acolhida como a rejeição nos diferentes “mosaicos de lugares” (BUTTIMER, 1982, p. 177) individuais ou coletivos existentes no Morro da Conceição.

Neste diapasão, empreendimentos turísticos florescem no Morro, palco e roteiro de atividades turísticas. Inúmeros grupos hoje implementam caminhadas pelas ruas e vielas do Morro em trajetos os quais em tempos passados eram monopolizados por trabalhos de campo

¹⁸ Entrevista realizada em 3 de dezembro de 2011.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

acadêmicos de Geografia, Arquitetura e Urbanismo, principalmente. A criação do Projeto Palácios do Rio, por iniciativa de uma instituição pública de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro, ilustra tal ação. Com o intuito de fomentar o desenvolvimento local sustentável e a valorização do patrimônio histórico e cultural da cidade, visitas guiadas são promovidas, conferindo oportunidades para o desenvolvimento de atividades nas ruas do Morro da Conceição e para guias de turismo, bem como lucratividade para comerciantes locais. Nesta seara, torna-se importante realizar uma análise do discurso turístico presente em um antigo folder do mencionado grupo Palácios do Rio (ver Figura 11). Ainda que louvável seja a atitude de divulgar a cultura e patrimônio do Morro, a propaganda utilizada pode conferir uma outra noção acerca da realidade a ser exposta (TOMAZZONI, 2006). Ao difundir “Visitas guiadas ao Palácio, Fortaleza e Morro da Conceição”, externaliza-se o Palácio e a Fortaleza da Conceição do próprio Morro da Conceição, quando estes estão inseridos na referida elevação, conferindo-lhe um papel complementar, ao menos por esta via de interpretação do título transcrito/lido/propagandeado. Na verdade, sob nossa análise, obtida mediante as diversas entrevistas realizadas para o texto deste artigo e de nossa vivência no perímetro, tanto o Palácio como a Fortaleza fazem parte de uma miríade de lugares que constituem o conjunto do Morro da Conceição e que se confundem com a alma deste (GONÇALVES, 2013).

Em suma, por entre ruas e becos, símbolos e flores, as vivências e diferentes trajetórias geográficas dos indivíduos e grupos sociais residentes e frequentadores do Morro da Conceição enriquecem sobremaneira o recorte em tela. A cordialidade dos moradores, aqui livremente chamados de locais, para com os que visitam os pontos do Morro é notória e, por conta disto, se torna extremamente relevante para nossa análise. Ser “chamado pelo nome” assim que se conhece um



Figura 11 – O antigo Palácio Episcopal e a Fortaleza da Conceição integrantes do Morro da Conceição

Fonte: <<http://palaciosdo-rio.blogspot.com/>>

morador local é algo habitual, assim como o respeito e o cumprimento terno, sempre repetidos, criando uma atmosfera de familiaridade mesmo para os que nunca antes ali estiveram. Em uma conversa informal com uma moradora¹⁹, esta ressalta: “*moro há mais de trinta anos no mesmo número e acho que vou morrer ali. Aqui eu criei três filhos. Adoro este lugar*”. Segundo as concepções de David Lowenthal, todo ser humano é um geógrafo informal (LOWENTHAL, 1985), capacitado para discorrer sobre a alma dos lugares (MELLO, 1991) e portando sua geograficidade, a moradora com um amor desmedido se refere ao seu nicho de histórias e de tempo presente como o seu lugar, uma arena para ela repleta de vivências e simbolismo. Da mesma maneira, em

¹⁹ Entrevista realizada em 19 de outubro de 2011.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

uma tarde ensolarada de outubro de 2011, um jovem estudante quando voltava do colégio para casa alega: “*nasci no Morro e não pretendo sair não, todos os meus amigos moram por aqui*”²⁰. Sabendo que nosso lugar de nascimento deixa uma marca na maneira como entendemos o mundo (POCOCK, 1981), nos cumpre realçar os fortes laços de pertencimento do jovem para com o seu torrão natal e grupo social de convivência. Isto é de tal ordem evidente que, falando de seu universo vivido, o jovem usa de maneira livre e emotiva o vocábulo “morro”, por vezes, pejorativamente utilizado no Rio de Janeiro, transpassando uma visão etnocêntrica negativa, ao mencionar o Morro da Conceição. Ainda segundo Pocock, “o lugar, então, contém nossas raízes”, nosso ponto de referência (POCOCK, 1981, p. 339)²¹ ou seja, a topofílica ligação destes indivíduos com o seu solo é de clara expressão, matéria-prima para o entendimento de suas relações com o mundo.

Neste âmbito, fascinados com a atmosfera do Morro da Conceição, com a bela arquitetura portuguesa ainda conservada na fachada de muitas das suas casas e com a hospitalidade dos moradores, pessoas de várias procedências tendem a voltar, fazendo desta visita um itinerário de vivacidade e nostalgia. Em meio a este contexto, em um fragmento colhido na elevação em destaque, consideremos as ideias a seguir expostas: “*as coisas aqui parecem ter um poder de permanência maior. Embora não seja daqui, me sinto muito identificado, muito familiarizado*”, afirmara um jovem frequentador em uma manhã de novembro de 2011²². Posto isto, o Morro da Conceição se configura um lugar – ou um conjunto de lugares – que pulsa(m) fortemente, junto ao coração da Cidade Maravilhosa.

20 Entrevista realizada em 26 de outubro de 2011.

21 Tradução do original: “*Place, then, contains our roots*”.

22 Entrevista realizada em 12 de novembro de 2011.

CONCLUSÃO

Contrariando os que acreditam no fim da cidade, dos encontros e dos simbolismos, onde “cada um que passeia, corre, senta-se no chão ou fala sozinho na indiferença de todos os que com ele se cruzam” (AGIER, 2011, p. 113), no Morro da Conceição temos uma sensação de diferencialidade, onde a concórdia e amistosidade parecem estar suspensas no ar, ofertando-nos um clima de segurança e acolhida. Em meio às doces permanências e atuais modificações, estaria surgindo uma nova Santa Tereza²³ no seio da zona portuária?²⁴ Acreditamos ser ainda cedo para tal afirmativa. Na verdade, acreditamos que as pessoas estão buscando novas referências para repetir a vida de relações e o glamour exibidos pelo citado bairro. No entanto, para a população do Morro da Conceição, face este processo de turistificação, paira o risco de perder o principal elemento de qualidade de vida na área, ou seja, um certo perfil interiorano, de paz e tranquilidade. Estes são itens de agradabilidade que podem ser substituídas pela agitação de restaurantes voltados para os visitantes, gerando grande tráfego de veículos, poluição sonora e atmosférica, além de problemas de segurança típicos dessas áreas, que podem emergir em meio às amenidades como mar/montanha. Acrescenta-se a este universo vivido o fato do avanço da especulação imobiliária poder vir a mudar drasticamente o perfil do Morro da Conceição. Em consonância com as ideias de Edward Relph, “as pessoas são os seus lugares e o lugar é o seu povo” (RELPH, 1976, p. 34)²⁵, ou seja, em termos conceituais

23 Ver: O Globo, Caderno Centro, de 26 de agosto de 2011.

24 Este bairro, situado na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro, sobre uma serra que liga o centro à Zona Sul, é um aprazível *point* para turistas, por conta de luxuosos hotéis e restaurantes de requinte. Estabelecimentos estes emoldurados pelo charme das ruas e vielas que “cortam” as íngremes ladeiras de “Santa”.

25 Tradução do original: “*People are their place and place is its people*”.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves


e de experiência, por se revelarem imbricados, não são facilmente diferenciáveis. Logo, sabendo que um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar (RELPH, 1976), concluímos que a saída de indivíduos ou mesmo de um grupo social pode vir a transformar os recortes espaciais em tela, indubitavelmente.

Ao partilharmos das concepções de que “o turismo e o lazer devem ser abordados nas questões relativas à qualidade de vida urbana, tendo como pano de fundo a conservação e a melhoria do meio ambiente” (RODRIGUES, 2001, p. 93) e que “o turismo é uma prática social e atividade econômica que, no mais das vezes, se impõem aos lugares, mas ela não se dá sobre uma tábula rasa, sobre espaços vazios e sem donos” (CRUZ, 2007, p. 14), nos cumpre continuar acompanhando se existirão significativas mudanças no ambiente e quais serão as implicações dessas mudanças no modo de vida, no cotidiano dos indivíduos em sua relação identitária com seus lares/lugares. Ou seja, em um período de toporreabilitação do Morro da Conceição, espaços, lugares e lugares-sem-lugaridade (RELPH, 1976; TUAN, 1983; MELLO, 1997) são postos no manifesto, podendo tanto suscitar a topofilia como o topocídio para os indivíduos *insiders* e *outsiders* nestas arenas de vida (TUAN, 1980). Em profundidade, no que tangem estas mudanças e o papel da Geografia humanista, nos baseamos nos escritos de Vicent Berdoulay e Nicholas Entrikin (2012), que elucidam:

o conceito de lugar convida, efetivamente, a lançar um olhar novo sobre a questão moral, a saber, sobre o campo de exercício e de pertinência da responsabilidade. No fundo, o que o conceito de lugar implica é uma concepção da geografia como ciência moral (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 111).

Nesta senda, a Geografia humanista se agiganta. Ao decodificar os sentimentos, alegrias, anseios, medos e transgressões do indivíduo

em seu espaço vivido, se torna portadora e um veículo de significados não apenas emocional, mas também político, que (enfatizemos) pode convidar homens públicos e de negócios a enxergar os indivíduos e seus resplandecentes mundos de significados antes da realização de grandes obras e empreendimentos que, no caso da olímpica Cidade Maravilhosa, estão a pleno vapor.

À guisa de um arremate final ou introdutório, em uma das entrevistas livres realizadas no ano retrasado – no dia nove de julho –, ao conversar sobre as significações do Morro da Conceição com um morador, residente há mais de 40 anos no local, o mesmo comentou: “o Morro da Conceição parece pequeno, mas é muito grande”. Nesta concepção, procurando aprofundamento na subjetividade da resposta, convém fazermos um paralelo entre a cartografia e o depoimento. Se cartograficamente o Morro da Conceição possui reduzidas proporções, para este indivíduo trata-se de um universo esplendoroso, detentor de um relicário de memórias, presente e, quiçá, futuro, “o ponto zero do sistema de coordenadas que atribui ao mundo a fim de se movimentar dentro dele” (SHULTZ, 1979, p. 299). Ou melhor, o Morro é o seu lar-e-mundo, é o seu universo dotado de uma expressiva grandiosidade, tão extenso quanto o seu mosaico de experiências no lugar. Lugar que traz em seu bojo relações identitárias que podem tanto se retrair como se intensificar, face o atual processo de turistificação do Morro da Conceição. 

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

BALLESTEROS, Aurora G. Las aportaciones de la geografía humanista. In: BALLESTEROS, A. (Org.). **Geografía y humanismo**. Barcelona: Oikos – Tau, 1992.

BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: Perspectivas teóricas. In: MARANDOLA, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

CLAVAL, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagem, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

_____. **Terra dos homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Formas Simbólicas e Espaço, Algumas Considerações. **Revista Geographia**, Niterói, v. 9, n. 17, 2007.

_____. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, I. E. CORRÊA, R. L. GOMES, P. C. C. **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Paisagem e Simbolismo na Geografia Humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

GONÇALVES, Paulo Mauricio Rangel. Entre novas matizes e permanências: a emergência do turismo e os simbolismos do Morro da Conceição. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 29-40, jan./abr. 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro. v. 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Ed.). **Perspectiva da geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: _____.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, p. 91-115, 1990.

_____. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira: 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

_____. Espaço, Lugar e “Deslugar”. **Redes**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 93-109, 1997.

_____. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e**

Por entre espaços e lugares da área portuária do Rio de Janeiro: a dimensão da vivência no Morro da Conceição
Paulo Mauricio Rangel Gonçalves

documento para a construção de conceitos geográficos. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

_____. Explosões de Centralidade na Cidade do Rio de Janeiro. In: MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M. F. (Org.) **Estudos de Geografia Fluminense**, Rio de Janeiro: Editora Infobook, 2002.

_____. Endereços da Cidade Maravilhosa. **GeoUERJ**. Rio de Janeiro, ano 12, v. 1, n. 21, p. 162-179, 2010.

_____. A Humanística Perspectiva do Espaço e do Lugar. **Revista ACTA Geográfica**, n. 9, p. 7-14, 2011.

_____. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis**. Rio de Janeiro: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

POCOCK, Douglas C. D. Place and the novelist. **Transactions of the Institute of British Geographers**, Londres, v. 6, p. 337-247, 1981.

RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias. **Cristalização e resistência no Centro do Rio de Janeiro**. 1984. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. Londres: Pion, 1976.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Geografia do turismo: novos desafios. In: TRIGO, L. G. G. (Org.). **Turismo. Como aprender, como ensinar**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2001.

SANGUIN, Andre-louis. La géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des espaces. **Annales de Géographie**. v. 90, n. 501. p. 560-587, 1981.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, A.; SEAMON, D. **The human experience of space and place**. Nova York: St. Martin's Press, 1980.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

SHULTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TOMAZZONI, Edgar Luís. Análise do discurso turístico da serra gaúcha. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 339-365, jun./dez. 2006.

TORRES RIBEIRO, Ana Clara. O Espetáculo Urbano no Rio de Janeiro: Comunicação e Promoção Cultural. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 1/4, p. 55-64, jan./dez. 1995.

TUAN, Yi-Fu. Environment and world. **Professional Geographer**, v. 17, n. 5, 1965.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**. (Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.

_____. A view of geography. **Geographical review**, v. 81, n. 1, 1991.

VIRILIO, Paul. **Guerra Pura**. São Paulo: Página Aberta. 1984.

Submetido em Setembro de 2014.

Revisado em Março de 2015.

Aceito em Março de 2015.